

***EXECUTA, COM ESMERO, RETRATOS EM TODOS OS TYPOS
E PELOS MELHORES PREÇOS: ARTE E OFÍCIO DE
PHOTOGRAPHOS NOS SERTÕES BAIANOS***

Valter de Oliveira¹

A PHOTOGRAPHIA INVADE A BAHIA

Uma vez apresentado oficialmente o fabuloso resultado do instrumento de Daguerre na Academia de Ciências de Paris, em 8 de agosto de 1839, em pouco tempo o processo fotográfico tomou conta do mundo.² Ainda que os primeiros experimentos exitosos de fixação das imagens da câmara escura tivessem sido realizados isoladamente na então vila de Campinas, no início daquela década, por Hercules Florence, foi através da daguerreotípia que os brasileiros tomaram conhecimento da fotografia.³

O primeiro instrumento de Daguerre chegou ao continente americano em terras baianas, no 13 de dezembro de 1839, trazido pelo abade Louis Compte, um dos integrantes do navio-escola francês *L'Orientale*. Antes de partir para o Rio de Janeiro e fazer a famosa demonstração no Paço Imperial, no dia 17, a tripulação permaneceu em Salvador e, embora não tenha sido encontrado nenhum daguerreótipo daquela estadia na Bahia, há quem considere a possibilidade de sua existência.⁴

A partir da segunda metade do século XIX, Salvador já contava com o atendimento de diversos fotógrafos em ateliês bem instalados, localizados em áreas privilegiadas como a freguesia da Sé e a de São Pedro Velho, em meio ao comércio elegante e residências de profissionais liberais, como médicos e advogados.⁵ Ao lado do Recife e do Rio de Janeiro, Salvador

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia e Professor Assistente na Universidade do Estado da Bahia.

² Gisèle Freund, *La fotografia como documento social*, 2ª edição, Barcelona, Editorial Gustavo Gilli, S.A., 1976.

³ A este respeito vale a pena ver o clássico de Boris Kossov, *Hercule Florence: A descoberta isolada da fotografia no Brasil*, 3ª ed. rev. e ampl., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

⁴ É o que sugere a fotógrafa e pesquisadora Maria Guimarães Sampaio, em “Da Photographia à Fotografia (1839-1949)”, in: Aristides Alves (coord.) *A Fotografia na Bahia (1839-2006)*, Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo; Funcultura; Asa Foto, 2006, p. 13-82 e a historiadora Christiane Silva de Vasconcellos, em *O circuito social da fotografia da gente negra, Salvador 1860-1916*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

⁵ Vasconcellos, *O circuito social da fotografia da gente negra*, p. 26.

era um dos principais pólos de produção da fotografia no Brasil oitocentista, sendo também ponto de afluência de muitos profissionais estrangeiros em busca de fazer fortuna com o recém-criado mercado da fotografia.

Considerando que o uso dos serviços de ateliês fotográficos na Salvador dos primeiros anos do século XX fosse uma prática comum por certos setores sociais dos sertões, arriscamos que no século passado isso também ocorresse. Por não haver estabelecimentos especializados em muitas cidades e vilas, era principalmente na capital que as elites sertanejas buscavam satisfazer seus desejos pelos retratos fotográficos ou produtos correlatos, como cartões postais e álbuns. As viagens para a *Bahia* representavam, entre outras coisas, uma oportunidade de acesso às novidades da modernidade.

Entre as coleções de algumas famílias nas microrregiões de Senhor do Bonfim e Jacobina localizamos vários retratos de ateliês famosos da época, a exemplo da *Photographia Artística* (Rua Chile, 26, Bahia), *Alberto Henschel & Cia* (Rua Direita da Piedade, 16, Bahia), *Pedro Gonsalves da Silva* (Rua Direita do Palácio, 8, Bahia), *Gaensly Lindemann* (Largo Castro Alves, 92 – Bahia), *D. Gramacho* (Bahia) e *Photographia Moderna*, de Generoso Portella (Ladeira de São Bento, 8, Bahia).

Não será difícil para o leitor imaginar como as pessoas que regressavam da capital com aquelas novidades nas bagagens pudessem despertar volições também entre outros indivíduos dos sertões. Para atender aos anseios de muitos que poderiam pagar pelos serviços, era necessário que se aguardasse a passagem de algum *photographo* itinerante pelas cidades. Quando partiam em busca de clientes em outras praças, geralmente esses profissionais procuravam notificar nos jornais locais como forma de chamar a atenção para suas permanências por alguns dias nas cidades, prestando ali seus serviços aos interessados.

Em 8 de abril de 1913, o jornal *Correio do Bomfim* veiculou uma nota publicitária do “conhecido *photographo*” Antonio Fialho sobre sua presença “por poucos dias” na cidade.⁶ O *photographo*, outrora residente em Senhor do Bonfim, naquela ocasião mantinha estabelecimento na cidade de Juazeiro. A atenção para sua pequena permanência pode ter sido também uma estratégia publicitária para atrair clientes.

⁶ “Photographo”, *Correio do Bomfim*, 03/08/1913, p.2.

O *photographo* Pierio Walfango Cordeiro deixou registrada sua passagem pelo Morro do Chapéu em 11 de agosto de 1918, no *Correio do Sertão*, na oportunidade em que anunciava aos seus visitantes uma “linda exposição de retratos de sua profissão”.⁷ Nota-se que esse era um artifício encontrado pelos profissionais itinerantes para levar a arte fotográfica ao conhecimento do grande público, ao passo que comprovava suas experiências com a técnica.

Dois meses após essa passagem de Walfango Cordeiro, a população morrense contou com a presença do “illustre Photographo Holdrado Almeida”, prometendo demorar alguns dias naquela cidade.⁸ Em Jacobina, o *photographo* Abílio Cardoso publicava em *O Ideal*, em 31 de julho de 1927, sua chegada à cidade, onde pretendia “demorar-se alguns dias” atendendo a chamado de clientes para a execução de “retratos em qualquer sistema” localizado em “casa de sua estadia”.⁹ É bem provável que as revelações e impressões fossem realizadas na própria cidade, sendo improvisado um laboratório no local de sua estadia, de maneira que fossem entregue aos clientes as fotografias antes de sua partida.

Ao longo das décadas seguintes, outros *photographos* itinerantes visitaram aqueles sertões prestando seus serviços, no entanto, tiveram que disputar com a concorrência dos “amadores photographicos”, que foram aos poucos surgindo, alguns chegando a instalar seus próprios ateliês e contribuindo ali para o aumento do público consumidor. Nesse sentido, é válido destacar os nomes de Abílio Cardozo, Aurelino Guedes, Carolino Figueiredo Filho, Carvalho Alencar, Ceciliano de Carvalho, Eurycles Barretto, Holdrado Almeida, Joaquim de Mattos Quineau, João Batatinha, José Barretto, Juventino Rodrigues, Modesto Motta, Pierio Walfango Cordeiro, P. Pinto e Rosendo Borges.

Considerando esse universo de profissionais que deixaram seus rastros nas regiões, o entendimento quanto ao “fenômeno fotográfico” nos sertões baianos pode ser melhor compreendido a partir da trajetória de três deles: Ceciliano de Carvalho, Eurycles Barretto e Juventino Rodrigues. Através do uso de notícias em jornais, fotografias e depoimentos orais de seus familiares mais próximos, foi possível adentrar melhor no universo de seus ofícios naqueles sertões.

⁷ “Photographo”, *Correio do Sertão*, 11/08/1918, p. 3.

⁸ “Photographo”, *Correio do Sertão*, 27/10/1918, p.3.

⁹ “Photographo”, *O Ideal*, 31/07/1927, p. 2.

CECILIANO DE CARVALHO

É provável que nenhum dos diversos artistas de Senhor do Bonfim tenha alcançado tanto prestígio em vida quanto Ceciliano de Carvalho na primeira metade do século XX. Artista na acepção renascentista da palavra, exerceu múltiplas atividades, como fotógrafo, músico, compositor, jornalista, tipógrafo, pintor, funileiro, monogramista ou caricaturista. No entanto, foi principalmente através da música e da fotografia que ficou mais conhecido, não somente em Senhor do Bonfim, mas também em outros municípios próximos e também na capital do estado.

Maria Guimarães Sampaio faz referência à obra fotográfica de Ceciliano de Carvalho presente em acervos privados e públicos consultados em Salvador.¹⁰ Foram localizadas também fotografias desse profissional em acervos particulares de famílias nas cidades de Campo Formoso, Jacobina, Morro do Chapéu e Miguel Calmon.

Ceciliano Lopes de Carvalho era filho de Severo Lopes de Carvalho e de Joaquina Maria de Souza e nasceu em Senhor do Bonfim, em 13 de julho de 1888. Casou-se com Francisca Umbuzeiro Angelim, de tradicional família local, com quem teve onze filhos, curiosamente todos iniciados com a letra “O”, provavelmente para não perder o ritmo musical: Orlando, Olga, Odêta, Ondina, Othon, Onildo, Orita, Omar, Onília, Onaldo e Oriana.¹¹

Seu pai, Severo Lopes de Carvalho, foi músico e sócio fundador da Filarmônica Ceciliana, juntamente com Manoel Teixeira. Em homenagem ao nome da filarmônica, batizou seu filho. Posteriormente, a Ceciliana teve seu nome alterado para União e Recreio.

Na opinião de Omar Carvalho, apesar do grande músico que fora, Ceciliano de Carvalho teve como verdadeira profissão a fotografia. Isso implica dizer que essa foi sua principal fonte de renda. A música talvez tenha sido sua grande paixão, mas a fotografia foi a base de sua sustentação financeira. Há diversas publicidades no *Correio do Bonfim*, desde 1916, em que divulga suas atuações principalmente no campo da fotografia.

¹⁰ Sampaio, “Da Photographia à Fotografia (1839-1949)”, p. 68.

¹¹ Omar Carvalho, *Biografia de Ceciliano Carvalho: maestro e compositor*, Bahia: Editora Era Nova, 1959, p. 15.



Figura 1:Anúncio publicitário.

Fonte: *Correio do Bomfim*, 13/02/1916, p. 3.

A nota publicitária divulga a recém-montagem de seu “novíssimo atelier photographico” na cidade. Teria sido o primeiro montado em Senhor do Bonfim? Publicidades no *Correio do Bomfim* dão conta também de mais três *photographos* atuando na cidade nas décadas de 10 e 20 do século passado: Rosendo Borges,¹² João Batatinha¹³ e Antônio Fialho.¹⁴ Entretanto, relatos de antigos moradores e fotos em coleções familiares dão conta de Modesto Motta, outro profissional que atuava ali.

O reclame ainda aponta para o fato do ateliê ser dotado de “todos os requisitos da ARTE MODERNA”. Mas, afinal, quais seriam estes? Ainda que não tivéssemos acesso às informações que pudessem dar conta de todos os aparatos presentes no ateliê do fotógrafo em Bomfim, é possível formar certa noção do funcionamento de um com esses atributos considerados pela nota.

¹² “Aviso e Despedida”, *Correio do Bomfim*, 17/03/ 1918, p. 2.

¹³ “Phot. Amador J. Batatinha”, *Correio do Bomfim*, 31/05/1925, p. 2.

¹⁴ “Photographo”, *Correio do Bomfim*, 03/08/1913, p. 2.

Durante meados dos oitocentos e parte dos novecentos, frequentar um ateliê fotográfico representava um status de distinção social.¹⁵ O aburguesamento dos grupos implica também a produção de autoimagens através de retratos criados em ateliês sofisticados surgidos nas grandes cidades. Como já dito, várias famílias das elites sertanejas costumavam colecionar retratos produzidos em estúdios existentes nessas cidades. No contexto do nascimento de uma cultura fotográfica, o crescimento da procura pelos serviços e produtos ligados ao ramo garantiu o surgimento e manutenção de estabelecimentos dessa natureza em cidades menores.

Sua presença, bem como a variedade de serviços divulgados na publicidade de Ceciliano de Carvalho, expressa algum sinal dessa cultura fotográfica da época. No ateliê de Carvalho, o cliente poderia obter “Retratos *Mignon*, Visita, Victoria, Gabinete, Promenade grande e pequeno, Bodoir, Salon, Grupos, Postaes, etc. etc. Ampliações e reproduções a *Crayon*.” A existência desse tipo de estabelecimento na cidade era também uma garantia para a sua elevação ao status de ambiente desenvolvido e civilizado.

No *Correio do Bomfim*, isso está implicitamente presente quando se percebe a veiculação de apenas três anúncios de serviços profissionais oferecidos na cidade na época: clínica médica, tipografia e ateliê fotográfico.

De acordo com os manuais de fotografia do século XIX, um ateliê fotográfico exigia alguns requisitos mínimos para seu bom funcionamento: espaço adequado, boa iluminação, mobiliário e figurinos. Os grandes ateliês ostentavam na parte externa vitrines convidativas atraindo a atenção dos transeuntes. Internamente, eram sofisticados e confortáveis, demonstrando também a qualidade dos serviços nas exposições permanentes. Antes de entrar no salão de pose, o cliente aguardava no salão de espera, enquanto visualizava os quadros expostos nas paredes e folheava os álbuns demonstrativos. O salão de pose, bem equipado, reunia mobiliário variado, fundos temáticos diversificados, de maneira a permitir criações de cenários diferentes. A iluminação era essencial para a obtenção dos melhores resultados, razão pela qual muitos optavam por montar o salão de pose no primeiro andar dos prédios, com telhados de vidros que permitiam maior entrada de luz.¹⁶ Na publicidade do jornal, ao informar que “os dias nublados não prejudicam os trabalhos”, Ceciliano salientava o bom aspecto do seu ateliê no que dizia respeito à iluminação.

¹⁵ Sandra Sofia Machado Koutsoukos, “No estúdio do photographo, o rito da pose. Brasil, segunda metade do século XIX”, in: *Revista Ágora*, Vitória, n. 5, 2007, p. 1-25.

¹⁶ Koutsoukos, “No estúdio do photographo”, p. 7.

Entre os meses de janeiro e julho de 1916, há registros no *Correio do Bomfim* da promoção de um “club de retratos” organizado por Ceciliano de Carvalho. Semanalmente, divulgavam-se nas páginas daquele jornal os resultados das realizações dos sorteios que permitia ao contemplado adquirir retratos de visita no seu ateliê: “Ceciliano Carvalho avisa aos interessados que na 6ª semana foi sorteado o nº 33 e na 7ª o nº 50”.¹⁷ Não há maiores informações quanto ao funcionamento do clube, como tampouco dos seus participantes. Suspeitamos que sua promoção tivesse como finalidade a garantia de que um maior número de pessoas pudesse ter acesso aos artefatos fotográficos. Percebemos que também foram formados outros clubes de natureza semelhante, como o de calçados. É provável que, com essa realização Ceciliano de Carvalho, procurasse uma forma de promover seu ateliê e adquirir mais clientes. Sabendo da existência de outro profissional atuando na cidade, não estaria investindo em uma estratégia publicitária para assegurar maior procura para seus serviços?

Entre agosto de 1929 e março de 1930, Ceciliano de Carvalho divulgava no *Correio do Bomfim* apenas seus serviços como músico. As aulas funcionavam em sua residência, à Rua Barão de Cotegipe, nº 1. Não temos ao certo a razão dessa mudança na publicidade, mas nota-se que o anúncio de uma professora de piano também passou a ser veiculado no jornal. Entretanto, diferentemente da mesma, o professor Ceciliano demonstrava sua versatilidade ao informar que lecionava piano, violino, flauta e bandolim.

Segundo informação de seu filho Omar, o eminente fotógrafo T. Dias certa vez fizera uma proposta no sentido de que Ceciliano dirigisse seu gabinete em Salvador. Este não aceitou. Outra oferta da mesma natureza também lhe fora feita por Jonas, também importante fotógrafo da capital. Mais uma vez, afirmou seu filho, o pai recusou por não querer sair de sua cidade. É de se imaginar que tais convites não partiriam de dois conceituados profissionais do ramo na capital se não tivesse Ceciliano um refinamento técnico e competência comprovada na arte fotográfica. O prestigiado profissional bonfinense continuou prestando seus serviços à sua sociedade local e para várias outras daqueles sertões.

Atualmente, como lugar da memória de Ceciliano de Carvalho, existe na cidade de Senhor do Bonfim um Centro Cultural e um logradouro que rendem homenagem ao seu nome. Parte do acervo pessoal do artista encontra-se em um memorial mantido por uma instituição educacional

¹⁷ “Club de Retratos”, *Correio do Bomfim*, 19/03/1916, p. 2.

privada. Ali se encontram o equipamento fotográfico com o qual trabalhou por muitas décadas e os retratos em crayon, seu e de sua esposa, considerados como suas maiores obras primas do retrato. Em 1950, depois da morte de Ceciliano, os retratos foram expostos para visitação pública como homenagem da esposa e dos filhos ao povo de Bonfim em uma modesta vitrine no prédio da firma Teixeira & Irmãos, trinta e cinco anos depois de executadas e ocultadas do público e até da própria família.

EURYCLE BARRETTO

Eurycles Alves Barretto produziu significativa obra fotográfica difundida por várias cidades da Bahia. Foram localizadas imagens de sua autoria em acervos privados em Morro do Chapéu, Mundo Novo, Miguel Calmon, Jacobina, Senhor do Bonfim, Campo Formoso e Jaguarari. Maria Guimarães Sampaio informa sobre a presença de suas fotografias também no acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia, em Salvador.¹⁸ Tal como no caso de Ceciliano de Carvalho, Eurycles Barretto ficou bastante conhecido naquelas cidades dos sertões como um intelectual e poeta, publicando seus escritos em jornais e livros impressos.

Nascido na Vila de Mundo Novo, em 19 de outubro de 1896, viveu maior parte da sua vida entre algumas cidades dos sertões baianos. Era filho único de José Alves Barreto e Maria do Carmo Barreto. Seu pai era um jovem intelectual, poeta e também o principal responsável pela agitação cultural de Mundo Novo, tendo sido o fundador da “Sociedade Litterária Sete de Setembro”. Falecera antes que seu filho Eurycles completasse um ano de idade. Maria do Carmo casou-se posteriormente com José Liberato de Miranda, passando a viver na Fazenda Ferrugem, no mesmo município. O casal teve um filho chamado Liberato J. Miranda Barretto, em 1907, que mais tarde se tornaria um eminente e prestigiado poeta em Jacobina.

No auge da juventude, Eurycles foi morar no Morro do Chapéu. Viveu ali sua fase mais produtiva tanto na fotografia quanto na poesia. Antes de partir para outras paragens, reconhece aquela cidade como sua, provavelmente por ter vivido ali seus melhores momentos de vida. Nela, trabalhou inicialmente na firma comercial Grassi & Cia, propriedade de Ângelo Arlego, um dos imigrantes italianos que se instalaram na microrregião, depois como escrivão público.

¹⁸ Sampaio, “Da Photographia à Fotografia (1839-1949)”, p. 77.

Quando Eurycles chegou a Morro do Chapéu, o coronel Francisco Dias Coelho era o intendente, a quem rendeu algumas homenagens em forma de poesia. Naquela cidade também fez parte de um círculo de jovens intelectuais e poetas, juntamente com Jubilino Cunegundes, Cícero Lemos e Honório Pereira. Ali iniciou suas atividades como fotógrafo e também publicou seus poemas em livros, revistas e nas páginas do jornal *Correio do Sertão*.

Em 7 de outubro de 1919, Eurycles casou-se com Bazilissa Guimarães, de uma tradicional família de políticos da cidade. Com ela compartilhou toda a sua vida e constituiu uma larga prole de dezessete filhos, dos quais sobreviveram dez: José, Eurídice, Janice, Eulálio, Lucila, Eurycles, Berenice, Dalmar, Ivan e Janice. Amante da fotografia e da poesia, Eurycles tanto produziu retratos como versos para sua família em diversas ocasiões.

A fotografia não foi para Eurycles Barretto a principal profissão no Morro do Chapéu, senão uma atividade paralela aos cargos que exerceu ao longo de vários anos como escrivão de paz, escrivão civil, escrivão do júri e escrivão da coletoria federal. Boris Kossoy diz que a diversificação de atividades é um dado interessante para se avaliar os recursos de que os fotógrafos lançavam mão para garantir a sobrevivência.¹⁹ O pequeno mercado fotográfico em uma cidade do interior baiano na época, como Morro do Chapéu, dificilmente permitiria a um fotógrafo viver exclusivamente do ramo. Embora bastante reconhecido na região como fotógrafo e poeta, foi o ofício como funcionário público seu principal suporte financeiro, que o levou a mudar, em 1937, para o município de Campo Formoso, permanecendo ali até sua aposentadoria, em 1957.

Eurycles não divulgava seus serviços de fotografia em jornais, prática comum entre os profissionais do ramo. Ainda assim, era requisitado para várias localidades circunvizinhas, tendo sido provavelmente o primeiro fotógrafo residente na região do Morro do Chapéu.

A edição de 15 de julho de 1930 do *Correio do Sertão* dá conta de amostras de trabalhos do “Atelier Eurycles Barretto” presente na Primeira Exposição Municipal. Entretanto, seus filhos Dalmar e Ivan informaram desconhecer um ateliê montado por seu pai.²⁰ Não há tampouco informações em outras edições do jornal ou lembranças dos moradores mais idosos do

¹⁹ Boris Kossoy, *Os tempos da fotografia: O efêmero e o perpétuo*, Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2007, p. 75.

²⁰ Depoimentos orais de Dalmar e Ivan Barreto, em 18/10/2012.



Morro do Chapéu quanto à existência ou localização de um ateliê fotográfico montado por Eurycles naquela cidade. Provavelmente, o fotógrafo aproveitasse sua própria residência como laboratório e estúdio para a realização dos retratos nas horas vagas de seu trabalho, razão pela qual não divulgava seu expediente no jornal.

Embora não anunciasse seus serviços fotográficos na imprensa local, Eurycles o fazia quanto à publicação dos seus livros ou poemas. Colaborador assíduo em jornais de vários municípios baianos, chegou a ter poemas publicados também em revistas fora da Bahia, a exemplo de *O Malho*.²¹ Seu primeiro livro, *Flores Incultas*, foi divulgado no *Correio do Sertão*, em 1927,²² ao preço de 3\$500 o exemplar.²³ Naquele jornal, passou a publicar seus poemas e artigos praticamente desde o início, em 1918, colaborando com o mesmo até quando deixou de residir no Morro do Chapéu. Profundo defensor da imprensa, reputou algumas vezes sua importância no desenvolvimento daquela região e do país.

Eurycles Barretto produziu imagens fotográficas em modelos cartão de visita, de gabinete e postal, ainda em voga na cultura fotográfica vigente no Brasil. Considerando a quantidade de materiais consultados, verifica-se que havia se especializado no estilo de retratos. Não há ali a mesma qualidade técnica ou apuramento estético observável na obra de Ceciliano de Carvalho, inspirada nos modelos das capitais, mas uma inclinação para aproveitar os cenários locais na composição de seus retratos em que os elementos decorativos dos sertões se deixam notar, a exemplo da mobília, paredes de taipa ou pedra, telhados das casas ou também a própria paisagem natural.

Em 19 de fevereiro de 1937, após ser promovido à função de Coletor Federal, Eurycles e sua família se ausentaram do Morro do Chapéu, deixando ali marcas da saudade nos amigos e admiradores. O fato de ter dedicado ao assunto praticamente toda a primeira página de uma edição do *Correio do Sertão* talvez funcione como um termômetro para mensurar o

²¹ Há uma referência a esse respeito em uma de suas crônicas da série “Sombras do meu caminho”, publicada no *Correio do Sertão*, 24/12/1933, p. 2.

²² Além da divulgação desse livro no *Correio do Sertão*, 15/07/1927, p. 2, há no mesmo jornal outras notícias: “Apologia dos Mezes”, 30/07/1933, p. 4; “A verdade na História”, 13/08/1933, p. 4 e “Sertanejas”, 28/07/1935, p. 2, bem como no jornal *O Lidador*, 30/06/1935, p. 4, em cuja oficina gráfica foi impresso a edição do livro.

²³ Para fins de comparação, uma assinatura semestral do jornal *Correio do Sertão* custava 6\$000 e por sua vez o sertanejo da região adquiria na época um quilo de carne seca nas feiras locais da região a 1\$800 ou cinco litros de feijão por 2\$600.

prestígio que possuía naquela comunidade. É preciso considerar que o *Correio* vinha a público semanalmente, com quatro páginas. Averiguando as edições do ano anterior, nota-se que somente grandes acontecimentos, a exemplo da sessão extraordinária da câmara elegendo o novo prefeito do município, ou fatos importantes do calendário festivo, como o carnaval, a semana da pátria ou o dia da República mereceram tanto espaço na primeira página.

A partir de 1937, o local de moradia da família de Eurycles passou a ser Campo Formoso, à época uma próspera vila, sede do município, na microrregião sob a liderança comercial de Senhor do Bonfim. Ali, continuou exercendo o ofício da fotografia em paralelo aos serviços na Coletoria Federal. Muito provavelmente fez parte de algum círculo da intelectualidade daquele município.

O fato de observar Eurycles Barretto trabalhando nos serviços fotográficos provavelmente tivesse levado seu primogênito a seguir aquela profissão. De certo modo, vê-lo manipulando componentes químicos e fixando as imagens em seu laboratório fotográfico ou retocando os retratos poderia ter exercido alguma espécie de fascínio no jovem José. O certo é que mais tarde passou a assumir também os serviços fotográficos do pai e exerceu o ofício por muitos anos nos municípios de Campo Formoso e Morro do Chapéu. Embora seu irmão mais novo, Ivan, não guarde recordações de ter presenciado o pai trabalhando no laboratório, as cenas de observar o irmão mais velho atuando com seu equipamento ou retocando os retratos ainda estão presentes nas lembranças ligadas à sua infância:

Era grande, tipo um caixote assim [gesticulando] e pegava um pano, tinha um chassi e ele botava no escuro e ele ia lá botava a chapa dentro, chama chassi, botava dentro, fechava e encaixava na máquina. Ela era grandona! Ele ia no pano, olhava tudo direitinho, e via de cabeça para baixo. Fechava o negócio da máquina e colocava o chassi e tirava uma tampinha que fazia chiiii e chegava lá dava a exposição e já gravava, aí ele ia revelar.

Ele fazia tudo! Botava gravata na pessoa, tudo só no pincel numa espécie de vidro assim ele espremia um tubozinho depois vinha com o pincel e levantava todinha a fotografia. Coloria a fotografia só no pincel. Fazia isso no papel. Ele fazia a fotografia um pouco apagada como se fosse um [...] não lembro o nome que dava [...] aí ele levantava a fotografia todinha! No



pincel. Você olhava e tava lá a fotografia toda colorida, botava até gravata. Também passava até um mês para fazer um retrato daquele. Sentava ali, olhava, passava a mão no queixo e eu menino olhando ele fazer aquilo tudo. De vez em quando dava um coque quando a gente mexia nas coisas dele [risos].²⁴

Ivan não informa sobre o modelo da câmera. Entretanto, recorre às suas antigas lembranças como forma de descrever aquele equipamento: um “caixote” grande, chegando a enfatizar bem: “Ela era grandona!”. Nas imagens da memória de criança, aparecem também a “chapa”, o “chassi” e o “pano”. Em seu relato, procura imitar o barulho que a câmera fazia durante a exposição. Depois passava para o processo de revelação. Não menciona como o irmão trabalhava no laboratório, talvez porque o que mais lhe chamasse a atenção fosse a técnica do retoque ou o próprio fato de não haver conhecido aquele ambiente misterioso. Para ele, o retoque era fascinante tal qual uma mágica.

Mais tarde, provavelmente sob a inspiração do pai e do irmão, Ivan Barreto também veio a exercer o ofício de fotógrafo. Aos dezoito anos, começou a trabalhar em um estúdio fotográfico na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, tendo ali a oportunidade de realizar suas primeiras experiências dentro do laboratório. Segundo ele, dali em diante permaneceu atuando na profissão até sua aposentadoria.

Depois da aposentadoria, em 1957, Eurycles mudou-se com parte da família para o Rio de Janeiro. A então capital federal era uma cidade promissora para os milhares de migrantes sertanejos. Ivan lembra que alguns de seus irmãos já tinham ido, seguidos depois por outros que haviam ficado em Campo Formoso. Passado um tempo, Eurycles e Bazilissa foram residir em Brasília, a nova capital federal, onde já morava um dos filhos. Ivan lembra que lá a família comemorou as bodas de ouro dos pais, em dezembro de 1969. Lá também foi lançado *Fim de Safra*, último livro publicado do pai. Em 21 de julho de 1974, Eurycles Barreto faleceu no Hospital Conde Francisco Matarazzo, na cidade de São Paulo.

JUVENTINO RODRIGUES

O nome de Juventino Rodrigues é bastante significativo quando se trata de produção, circulação e consumo de fotografias em Jacobina na

²⁴ Depoimento oral de Ivan Barreto, em 18/10/2012.

primeira metade dos novecentos. Tendo chegado como fotógrafo na cidade em 1935, permaneceu morando ali, instalando o seu ateliê *Ideal Foto* naquele mesmo ano. Ausentava-se ocasionalmente para prestar serviços em outros municípios ou estados. Durante o período em análise, Juventino foi o fotógrafo que atuou por mais tempo em Jacobina, produzindo retratos para a sociedade local e das localidades circunvizinhas, além de álbuns de fotografias.²⁵

Juventino era filho de José Querino Rodrigues e Clara Rosa Rodrigues e nasceu em 16 de abril de 1910, numa fazenda do França, pequeno povoado ligado ao município de Mundo Novo. Durante sua infância, provavelmente chegou a assistir naquele povoado a chegada de pessoas e muitas novidades com a passagem do tão aguardado trem de ferro, inaugurado em 12 de outubro de 1923.²⁶ A construção da estação naquela localidade foi motivada pela possibilidade de abertura de um ramal que a ligasse ao município do Morro do Chapéu. O fato é que o trem não passou pelo Morro, tendo sua população que se dirigir até a estação do França por estrada carroçável sempre que quisesse viajar ou escoar sua produção.

Embora nascido em ambiente rural, Juventino buscou a convivência com o mundo urbano, influenciando sensivelmente a sua formação. Na mocidade, foi para o Rio de Janeiro estudar na Livre Escola de Engenharia. É provável que não tenha chegado a concluir o curso, uma vez que em sua carteira profissional consta apenas sua instrução primária. Em 1935, chegou a Jacobina depois de longa temporada em Salvador e Itabuna, onde buscou se aperfeiçoar nas técnicas fotográficas na “acreditada ‘Photo Alemão’”.²⁷

²⁵ Valter de Oliveira, “Memória fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade”, in: Alan Sampaio; Valter de Oliveira, *Arte e Cidade: imagens de Jacobina*, Salvador, Eduneb, 2006.

²⁶ Aloísio Santos da Cunha, *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do Trem da Grotá (1912 – 1976)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 96.

²⁷ “Photographo Juventino Rodrigues”, *O Lidador*, 12/05/1935, p. 1. Maria Guimarães Sampaio dá informação de retratos do estúdio Alemão em acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia. Foram localizadas também fotografias em acervos de família em Campo Formoso.



Figura 2: Anúncio publicitário.
Fonte: *O Lidador*, 07/07/1935, p. 4.

Juventino Rodrigues foi um profissional bastante apurado e inventivo tecnicamente, chegando a introduzir algumas novidades na cidade. Em seu primeiro anúncio publicitário no jornal, em 1935, apontava as suas especialidades na área de retratos, postais, gabinete, paisagens, ampliações e reproduções, mas destacava principalmente o fato de trabalhar com “todas as cores”. A fotografia em cores estava surgindo no mercado naquele ano com a invenção da Kodachrome, um filme diapositivo comercializado pela Kodak que produzia fotos em cores. Estaria Juventino fazendo uso daquele produto ou se referindo ao processo manual de coloração, técnica que dominava e se aperfeiçoava, como a do retoque? Embora não haja informações que possam dirimir essa dúvida, nota-se pelas fotografias encontradas da época que ele estava fazendo uso da técnica manual. Seu sobrinho, Lidenício Ribeiro, fotógrafo iniciado por ele na profissão, destaca essas qualidades em seus trabalhos:

[...] não havia luz elétrica no tempo, então ele fazia iluminação natural no estúdio dele e ficavam umas fotos parecendo foto de Salvador, de São Paulo e tinha o retoque nos negativos e ele melhorava muito [...] até eu aprendi também com ele, trabalhei muito tempo com retoque, hoje não existe mais o retoque, só em computador que existe hoje, mas era retocada chapa a chapa, pessoa a pessoa, tirando rugas, sinais, melhorando até a pessoa ficar mais nova, mais bonito também, ele era especialista nisso aí.²⁸

²⁸ Depoimento oral de Lidenício Ribeiro, em 22/09/2005.

O fotógrafo fala de uma época em Jacobina, quando a energia elétrica atingia apenas as ruas centrais do seu núcleo urbano. Nos anos 30, o ateliê de Juventino não dispunha desse recurso. Para realizar seus retratos, seu sobrinho e auxiliar lembra que fazia uso da iluminação natural, produzindo resultados “parecendo foto de Salvador, de São Paulo”. Da mesma forma que Ivan se interessava em ver o irmão José Barretto retocando os retratos, Lidenício também se encantava pela técnica tal qual uma magia ante os olhos atentos e curiosos daquela criança. Ao contrário do primeiro, ele recorda o fato de ter aprendido aquele ofício com o tio-mestre. “Hoje não existe mais o retoque, só em computador que existe hoje”,²⁹ lamenta como se quisesse sugerir a perda de certa aura existente naquelas antigas fotografias em que estava impressa como uma marca da especialidade técnica dos fotógrafos.

Tão logo implantou seu ateliê em Jacobina, Juventino criou um clube de retratos, provavelmente aos moldes do que fez Ceciliano de Carvalho há duas décadas atrás em Senhor do Bonfim, com o intuito de atrair maior clientela e promover maior difusão de seus trabalhos na região. O cliente que quisesse adquirir uma dúzia de fotografias em formato de postais poderia fazê-lo pagando 20 prestações semanais no valor de 2\$000,³⁰ ou pagar o restante caso optasse pelo formato de gabinete. *O Lidador*, na oportunidade, elogiou a importância do empreendimento do fotógrafo para a cidade.

Ahi está um empreendimento que merece acolhida de todos. O sr. Juventino é um moço esforçado e precisamos dar preferência aos seus serviços afim de que progrida a sua photographia, coisa indispensável em uma cidade do interior.
Amparemos o que é nosso!³¹

Nota-se a tentativa do jornal no sentido de educar seu público, demonstrando a importância da presença de um ateliê fotográfico no seio de uma sociedade dita civilizada. No intuito de que a cidade assegurasse aquela condição privilegiada, *O Lidador* enfatizava que se dessem preferências aos serviços de Juventino Rodrigues, “moço esforçado” ali residente, como forma

²⁹ Idem.

³⁰ Para o leitor mensurar uma ideia de valor, na época um exemplar da revista ilustrada *O Malho* custava 1\$200; por outro lado, na feira local, um quilo de arroz custava \$700 e um litro de feijão, \$200. Para um modesto trabalhador, pagar 40\$000 à vista por uma dúzia de postais seria realmente oneroso.

³¹ “Club de retratos”, *O Lidador*, 11/08/1935, p.4 .

de garantir o progresso financeiro do empreendimento e sua permanência na cidade.

Provavelmente, Juventino Rodrigues era o único fotógrafo residente em Jacobina no ano de 1935. A cidade na época respirava ares de modernidade com a passagem do trem, o surgimento do telégrafo e a replantação da imprensa escrita. Por outro lado, algumas transformações tomavam conta da pequena urbe, como a implantação da iluminação elétrica, a construção da primeira escola pública e do hospital. O fotógrafo chegou a realizar uma série de vistas em forma de postais da cidade em que divulgava aquela fase de crescimento e transformações do seu espaço urbano. Naquele período, as festas da micareta foram ocasiões especiais em que realizou diversos registros – a exemplo de 1936, quando fotografou grupos de foliões nas ruas e nos carros esbanjando alegria.

Jacobina tornou-se então um polo de atração de centenas de pessoas da microrregião e de outras regiões. Colaboraram muito para isso, as divulgações de notícias de novas jazidas auríferas aí encontradas, que motivaram uma verdadeira corrida do ouro.³² O fotógrafo cooperou inclusive com retratos das minas confeccionados para venda em mãos próprias ou através dos correios.³³

Depois de Juventino, outros fotógrafos amadores chegaram àquela cidade. É o caso de Aurelino Guedes e Carolino Figueiredo Filho. A implantação do ateliê de Juventino certamente atendia aos ensejos culturais da cidade naquele momento. Pelo menos é o que sugere *O Lidador*, quando acentua a importância do investimento do jovem fotógrafo na realização de uma exposição de retratos no seu novo endereço, em 1940, situado à Avenida Cel. Teixeira.

O certame é, pois, digno do concurso de quantos se interessam pela Arte, e, mais que isso, pelo progresso da cidade que se rejubila em possuir um atelier à altura dos seus credos de civilidade.³⁴

³² “Ouro – pepitas e grãos – em valor que excede de 1500 contos”, *O Lidador*, 08/02/1935, p. 1; “As minas de ouro do Itapicuru”, *O Lidador*, 07/09/1935, p. 4. A respeito da corrida do ouro em Jacobina na época, ver Zeneide Rios de Jesus, *Eldorado sertanejo: Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*, Dissertação (Mestrado em Historia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

³³ “Retrato das Minas do Itapicuru”, *O Lidador*, 15/03/1936, p. 3.

³⁴ “Exposição de retratos”, *O Lidador*, 19/05/1940, p. 1.

A fotografia foi conquistando um lugar assegurado no processo civilizatório delineado a partir dos novecentos. Através de seus diversos usos, os grupos sociais, em diversas partes do mundo, foram construindo suas autoimagens de distinção. Era principalmente para aquele público jacobinense que Juventino dirigia o convite a fim de prestigiar sua exposição, que contava com retratos ampliados nos “Studios Carusos”, de São Paulo, como também de sua autoria. *O Lidador* procurava também sensibilizar aquele público ao induzir seu interesse pela arte fotográfica, mas acima de tudo “pelo progresso da cidade”, que precisava garantir a permanência de um ateliê fotográfico.

Juventino Rodrigues adotou Jacobina como sua cidade até o final da vida. Por muito tempo, foi uma pessoa ativa e referência constante naquela sociedade. Casou-se por duas vezes. A primeira, com Eunice Pinto de Oliveira, ainda nos anos 30,³⁵ e a segunda com Maria Macêdo, natural do Morro do Chapéu, em 1980, embora não tivesse filhos com nenhuma delas. Em sua carteira profissional, de 1946, além da inscrição de sua esposa Eunice (curiosamente riscado), observa-se referência a um dependente chamado Joselito Rodrigues, sobrinho que adotou.

Além do ofício de fotógrafo, exerceu também a de mineralogista, como me faz ver a inscrição na mesma carteira. Aliado político por vários anos do deputado Francisco Rocha Pires, assumiu, provavelmente por sua orientação, as funções de Delegado de Polícia e de Diretor d’*O Jornal*, em 1960, órgão de breve circulação vinculado ao chefe político. Juventino fez parte também da Ordem Rosa Cruz, fraternidade místico-religiosa, sendo um dos responsáveis pela iniciativa de introduzi-la na cidade e tornando-se ali sua principal liderança. Depois de aposentado e após sofrer alguns anos em virtude de um edema pulmonar, veio a falecer em 1989.

SER PHOTOGRAPHO NOS SERTÕES

A Bahia contou com a presença de diversos profissionais estrangeiros e brasileiros atuando no ramo da fotografia desde meados do século XIX. No início dos novecentos, já havia mais de uma dezena de ateliês instalados nas ruas do centro comercial e cultural de Salvador. Entre os clientes que buscavam seus retratos, além de membros das famílias ricas e dos setores médios soteropolitanos, estavam aqueles provindos dos sertões que em passeio ou negócios visitavam a capital. A ida para a *Bahia* gerava

³⁵ Há referência a Eunice como sua esposa nas notas sociais d’*O Lidador*, 26/09/1937, p. 2.

uma oportunidade, entre outras ansiosamente esperadas, de tirar seu retrato em um salão de pose de um ateliê fotográfico. Muitos ficavam meses ou anos aguardando aquele momento fascinante! A fotografia chegou aos sertões inicialmente pelas mãos daquelas pessoas. Com o tempo, representantes dos ateliês profissionais da capital partiram em busca de novos clientes por cidades dos sertões, contribuindo para a ampliação de público consumidor no Estado.

Como lembrou Ana Maria Mauad, o profissional da fotografia tornou-se uma necessidade na sociedade contemporânea.³⁶ Desde o século XIX, já despontava como importante profissão atuando para vários setores. Com o advento do novo século, principalmente após 1914, quando o uso da fotografia tornou-se obrigação em documentos de identificação pessoal aqui no Brasil, a oferta de serviços fotográficos esteve cada vez mais presente nas cidades brasileiras.

Junto a isso, os usos da fotografia na imprensa e na publicidade, bem como nos diversos eventos sociais, políticos e da vida familiar, fez do fotógrafo um profissional em ascensão nas nossas sociedades. Com o mercado da fotografia, abriam-se grandes oportunidades de negócios. Pensando assim, a crescente indústria fotográfica oferecia na época modelos de câmeras, acessórios e materiais que podiam ser manipulados por qualquer pessoa que se dispusesse a atuar no ramo.

Os fotógrafos radicados naqueles sertões, em geral, eram profissionais que apesar de não integrarem as elites econômicas possuíam certos prestígios nas suas localidades. Alguns compunham as pequenas elites letradas das cidades; já outros gozavam de status de artistas ou eram considerados gênios inventivos. A fotografia ainda era uma encantadora novidade e exercia um fascínio notável na imaginação de muitos. Os mais experientes fotógrafos revelavam seus retratos em laboratórios próprios, tal qual um alquimista dos novos tempos. Como poucos profissionais na época, eram observadores privilegiados da vida urbana, acompanhando os bastidores da vida pública em eventos, inaugurações e recepções políticas ou acompanhando os rituais privados das famílias locais.

Apesar disso, viver da renda do ofício de fotógrafo representava um grande desafio aos profissionais pioneiros radicados. É preciso considerar

³⁶ Ana Maria Mauad, *Sob o signo da imagem: A produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

que não havia ali um grande público consumidor. Por mais que fosse uma novidade apreciada socialmente, a fotografia, como bem de consumo, ainda estava restrita às camadas altas e médias no Brasil. Em se tratando de cidades como Campo Formoso, Jacobina, Morro do Chapéu, Mundo Novo ou Senhor do Bonfim, cujas populações eram majoritariamente de baixa renda, essa restrição ainda era maior. Dificilmente um fotógrafo exercia apenas esta profissão. Como visto, três dos mais importantes profissionais naqueles sertões exerceram outras atividades como fonte de rendas paralelas à fotografia.

Com a presença de fotógrafos profissionais residindo nas cidades, bem como usos de câmeras amadoras por parte de algumas famílias, possibilitaram que estabelecimentos comerciais nos sertões, sobretudo a partir dos anos 30, oferecessem aos seus clientes algumas linhas de produtos fotográficos, tais como: filmes, químicos, papéis, álbuns, etc.³⁷ Jacobina e Senhor do Bonfim funcionavam como cidades pólos desse mercado naqueles sertões.

Podemos considerar que a formação de uma cultura fotográfica nos sertões baianos se deu a partir das primeiras décadas dos noventa, no caso específico das microrregiões de Jacobina e Senhor do Bonfim.³⁸ Aquelas cidades que contavam com profissionais em ateliês fotográficos eram pontos de atração de pessoas de várias localidades circunvizinhas. Entretanto, esse fenômeno deve ser compreendido como parte de uma série de transformações no Brasil, na Bahia e, sobretudo, naqueles municípios, principalmente nas suas sedes urbanas, que passavam a contar com novos e modernos incrementos técnicos – a exemplo do telégrafo, tipografia, imprensa e cinema – assim como nas mudanças dos hábitos sociais.

Em muitas ocasiões, os fotógrafos foram requisitados para registrar tais novidades e acompanhar os processos de “melhoramentos” nas urbes, como sinais da identificação dos sertanejos com o mundo civilizado. Esses profissionais, ao lado dos escritores e jornalistas, tiveram um papel significativo na construção das autoimagens dos sertões e na ordenação dos espaços públicos em suas cidades.

Recebido em 21/08/2015 - Aprovado em 8/10/2015

³⁷ Verifica-se tais anúncios nos jornais *Correio do Bomfim*, em Senhor do Bonfim; *Correio do Sertão*, no Morro do Chapéu; *O Lidador*, em Jacobina e *Avante!*, em Mundo Novo.

³⁸ A esse respeito ver também: Valter de Oliveira, “Retratos sertanejos: uma cultura fotográfica no interior baiano dos anos 1900-1950”, in: *O Olho da História*, n. 16, Salvador (BA), julho de 2011.

Perspectiva
Histórica

E
N
T
R
E
V
I
S
T
A
S

E
N
T
R
E
V
I
S
T
A
S

E
N
T
R
E
V
I
S
T
A
S

